

REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO ENTRE ESPAÇOS FÍSICOS E O COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GOMES DA SILVA, Denise Sans Guerra.¹ – PUC-RJ – desans@uol.com.br

GT: Educação de Crianças de 0 a 6 Anos/ n.07

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Introdução

A criança, desde a mais tenra idade, entra em contato com as características da sociedade em que está inserida refletindo em seu desenvolvimento influência desta.

A aprendizagem ocorre por várias formas, porém, o conhecimento envolve uma estrutura progressiva de experiências. À medida que entra em contato com as experiências da vida, a criança vai se tornando consciente de si mesma.

No universo das descobertas da educação infantil tudo é concreto, palpável, tem gosto, cheiro, volume, adquire forma física para que possa ser apreendido, descoberto, entrando, assim, para o mundo das realidades da criança.

“O gato tem quatro patas, pêlos e mama quando pequeno” porque assim ela o vê e não porque a educadora tece uma teoria sobre mamíferos.

Assim, o que é concreto assume papel importante no processo de descobertas que leva às abstrações, alimentando as diversas interações que favorecem a criança ingredientes para formular suas hipóteses sobre o mundo.

Tais interações ocorrem num espaço arquitetônico determinado, creches e escolas, marcado pela interferência do contexto histórico-cultural no qual está inserido.

O presente artigo baseia-se num trabalho que se buscou, através de pesquisas de campo, aliadas a pesquisa bibliográfica, compreender as possíveis interferências causadas pelo espaço-ambiente ao processo de construção de conhecimentos na educação infantil.

Sabendo que a educação infantil compreende a educação de crianças de 0 a 6 anos de idade, focalizei a pesquisa nos espaços das creches, destinadas ao atendimento das crianças de 0 a 3 anos, etapa inicial da educação infantil. Foram analisadas duas creches, considerando as características arquitetônicas e do mobiliário e sua relação com os afetos que os mesmos despertam no cotidiano de tais unidades.

¹ Especialista em educação infantil pela PUC/RJ. Desenhista Industrial. Professora da SME/RJ. Integrante do grupo: Crianças e Adultos em diferentes contextos: A infância, a cultura contemporânea e a educação, pesquisa coordenada pela professora Sonia Kramer, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

E, sendo professora da rede pública de ensino, mergulhada nos afetos que tal atuação profissional despertou em mim, optei por pesquisar as questões relacionadas ao espaço-ambiente em unidades pertencentes à administração da SME/RJ.

A interferência da cultura nos espaços da infância

Ao observar como o mobiliário das classes de educação infantil assume papel fundamental enquanto instrumento ambientador, coadjuvante do processo de descobertas na aprendizagem, tornou-se imperativo avaliar características de tal mobiliário e afetos que o mesmo desperta em profissionais e crianças da educação infantil, considerando aspectos como conforto, praticidade, aproveitamento de espaço, estudo de cores e sua interferência no processo e interesse lúdico que o mobiliário despertava, não esquecendo a percepção quanto às interferências midiáticas sobre este espaço.

Referências ao lúdico e ao imaginário infantil ultrapassam fronteiras dos espaços e objetos pré-determinados para o brincar e adquirem outros usos no dia-a-dia da infância. A criança burla as normas pré-estabelecidas, é inventiva, recria na fantasia, aquilo que permeia sua realidade.

O espaço físico, coadjuvante dessa fantasia, aparece ao mesmo tempo marcado como agente reprodutor de cultura, dadas às características que transpareçam dele, intencionalmente ou não.

Vale lembrar que:

“... o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça de adultos, para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo”.

Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços da liberdade ou da opressão.”(Mayumi Lima, 1989)

A que interesses servem as padronizações de ambientes? Como são pensadas as formas e cores utilizadas na elaboração dos espaços, e de que modo se relacionam com os ingredientes adicionados pelas próprias crianças? Pensa-se realmente no que é melhor para elas? Crianças de 0 a 3 anos necessitam mesmo de amontoados de mesas e

cadeiras nos espaços das salas? E quanto ao espaço do brincar, onde estão as pontes para o imaginário?

Tendo em vista esta abordagem, procurei levantar pontos que possam ajudar a melhorar a equação ESPAÇO FÍSICO X SER HUMANO X CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO, entrelaçando aspectos lúdicos e ergonômicos como participantes do cotidiano da educação infantil. O desafio está em otimizar o resultado de tal equação.

O espaço como cenário

Pensando a classe de educação infantil como um cenário onde podem desenrolar-se diversas pesquisas de conhecimento, ela deve apresentar versatilidade podendo modificar-se para favorecer diversas experiências.

Devemos estar atentos às diversas possibilidades de uso do espaço físico como espaço de experimentação e descobertas pelas crianças, constituindo-se coadjuvante do processo de construção do conhecimento e merecedor de estudos que possam melhorar e ampliar sua utilização.

Estando inseridos em um meio cultural determinado, não podemos simplesmente deixar fora das salas de encontro às marcas desta cultura, nem os apelos da mídia, mas podemos tomá-los como pontos para reflexão e transformação.

Refletir sobre e transformar as experiências passadas de nossa sociedade pode levar-nos a novas descobertas, novas construções orientando a implantação de espaços mais coerentes com as expectativas e necessidades de nossa clientela de 0 a 6 anos.

Benjamin alerta para o fato de que “travamos nossa luta por responsabilidade contra um ser mascarado. A máscara do adulto chama-se experiência”. (Benjamin, 2002.p.21).

O adulto tende a proteger-se das interrogações da criança, escudado pela máscara de sua experiência, daquilo que domina. Assim, comumente vemos o ambiente das salas de educação infantil costurado pelas vivências adultas (murais fora da altura e do campo visual infantil, mesas com lugar fixo, ou pior, crianças com lugar fixo), muitas vezes inconscientemente.

A criança é investigadora, e isto deve ser estimulado. Os espaços da sala fornecem possibilidades de investigação. Nos cantinhos, escondem-se verdadeiros tesouros de pesquisa do universo infantil.

Mayumi Lima levantou a seguinte questão: “O espaço construído: para a criança, com a criança ou da criança?”

Ao pensarmos a elaboração do espaço ambiente da educação infantil, devemos lembrar que este é o palco de múltiplas ações e de vários atores.

Deve ser construído PARA A CRIANÇA nas competências arquitetônicas, pensando-se seu percentil e atribuições deste, campo visual, proporção do mobiliário, cantinhos, etc.

Deve ser construído COM A CRIANÇA na medida em que esta é quem vai atuar neste palco de ações. Ela altera, desconstrói, modifica e é modificada pelo e no ambiente, através de suas experiências diárias.

E é o espaço DA CRIANÇA. É o espaço onde o sujeito constituído em determinada sociedade investiga, troca com o outro. É o espaço onde ocorrem algumas das construções de conhecimento na educação infantil.

E mais:

“O espaço constitui expressão de um sistema social com suas rotinas, relações, ideologias, etc.

...deve haver grande preocupação com a funcionalidade e a estética dos ambientes, já que todos os espaços servem para a educação visual, expressiva, cognitiva, ética e estética.”(Oliveira, Z. M.2002, pp.192-194).

Ao buscarmos novas construções, novas alternativas de ambientação para os espaços da educação infantil, devemos estar atentos a que usuários se destinam estes espaços, sob quais propósitos serão utilizados, e, se estes propósitos atendem as necessidades de trabalho com a educação infantil.

Buscando compreender os cenários

Durante o processo de coleta de dados, na pesquisa de campo, foram estudadas duas creches municipais com aspectos arquitetônicos distintos.

Foram considerados itens de observação referentes à clientela de cada instituição, o aspecto arquitetônico interagindo com o mobiliário, a destinação dos espaços físicos, bem como o mobiliário em si, observando-se materiais, durabilidade, conforto, segurança e finalidades de uso.

Considerarei ainda, a percepção dos profissionais em relação a estes mobiliários. Por meio de observações, conversas informais e entrevista, busquei identificar os afetos que estes despertam em profissionais e crianças, extraindo desta percepção detalhes que, isoladamente ou somados a outros aspectos, fornecem base à reflexão em busca de aperfeiçoamento dos espaços que abrigam a educação infantil.

Campos de Carvalho & Rubiano (1996) citam David & Weinstein (1987), os quais afirmam que todos os espaços construídos para criança deveriam atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para o contato social e privacidade.

Segundo Rheingantz & Emery (1995), a relação do ser humano com o ambiente e com os outros se dá através dos estímulos ou mensagens que ele recebe. E boa parte destes estímulos origina-se do ambiente. Volumes, formas, nuances, sons, cheiros, gostos e sensações tácteis através dos quais são permanentemente forçados a interagir – mesmo que, muitas vezes, de modo inconsciente –, determinam sua inevitável inserção no mundo material.

O espaço físico que compõe o espaço-ambiente da educação infantil é constituído não somente pelo espaço arquitetônico e mobiliário como também por outros ingredientes que, em relação direta ou indireta com os mobiliários, interferem no processo pedagógico.

Em prol de uma relação harmoniosa entre espaço, finalidade e usuários, todos os itens constitutivos dos espaços destinados à educação infantil deveriam ser pensados de maneira a atender as cinco funções anteriormente citadas. Para tanto devem caminhar lado a lado questões que relacionam arquitetura, ergonomia, estética e educação infantil.

As instituições pesquisadas

Visando a situar os dados recolhidos no campo, as instituições pesquisadas serão doravante chamadas de **creche 1** e **creche 2**.

Para facilitar a compreensão sobre a interferência que aspectos como espaço arquitetônico e mobiliário exercem no processo pedagógico de instituições pré-escolares, considerarei importante apresentar dados referentes à clientela atendida pelas instituições pesquisadas, bem como os profissionais que atuam nestes espaços.

As creches destinam-se ao atendimento de crianças de faixa etária que varia dos três meses aos três anos e onze meses, funcionando em sistema de atendimento integral das sete às dezessete horas, de segunda a sexta-feira.

Os grupamentos são divididos e nomeados atendendo às instruções estabelecidas na Portaria E/DGED N° 20 de 18 de novembro de 2003:

- EI 60, 61 – Crianças de 3 a 11 meses
- EI 50, 51 – Crianças de 1 ano a 1 ano e 11 meses
- EI 40, 41 – Crianças de 2 anos a 2 anos e 11 meses
- EI 30, 31 – Crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses

A **creche 1** atendia, na época da pesquisa, a cento e trinta e duas crianças de faixa etária que variava dos três meses aos três anos e onze meses, divididas em seis grupos, a saber: Berçário I (EI 60), Berçário II (EI 50), EI 40 e 41, EI 30 e 31.

A **creche 2** atendia ao quantitativo total de noventa crianças de faixa etária de dois anos a três anos e onze meses, divididas em quatro grupos. Possuindo acomodações para atender a crianças a partir de três meses de idade (turmas de Berçário I e II, como informou a equipe), esta unidade não o fazia devido a alguns problemas de adequação a serem solucionados, e que serão abordados ao longo do relato.

Nesta creche os grupamentos, chamados em sua totalidade de **maternal**, recebiam as seguintes siglas: **M.1** (2 turmas equivalendo a EI 40 e 41) e **M.2** (2 turmas equivalendo a EI 30 e 31).

O aspecto arquitetônico

A edificação da **creche 1** foi elaborada já com a finalidade de abrigar uma creche para atender a comunidade local e está localizada em um terreno situado no início da subida de um morro, habitado por pessoas de baixa renda, na divisa dos bairros de Madureira e Vaz Lobo. A edificação em dois andares contava com seis salas de encontro, sendo duas no andar superior que atendiam ao berçário, um lactário, um banheiro no andar que atendia às turmas de berçário I e II, solário, sala da direção e sala multidisciplinar². No andar térreo, estavam localizadas as demais salas de encontro,

² Também chamada pelos sujeitos da pesquisa de sala do educador.

havendo um banheiro interligando cada duas salas, cozinha, refeitório, lavanderia, mais espaço para horta e área de recreação em anexo.

Tal como a **creche 1**, a segunda creche (**creche 2**) fora construída para esta finalidade. Em terreno plano localizado à entrada de um conjunto residencial popular no bairro de Irajá, tinha acesso por uma das principais ruas do bairro.

Quanto à edificação, a **creche 2** erguida em um único pavimento térreo, possuía um longo corredor central por onde se podia ter acesso às dependências. Contava com seis salas de encontro, alinhadas na lateral direita à entrada da creche e agrupadas duas a duas, tendo como interseção banheiros, que serviam a cada dupla de salas. Ainda na lateral direita, encontrava-se o solário, cujo acesso dava-se a partir das salas de encontro. Alinhados à esquerda encontravam-se, a secretaria, banheiros de professores e da direção, sala da direção, almoxarifado, área de recreação coberta e descoberta, refeitório, cozinha, despensa, vestiário dos funcionários e lavanderia. Por último, a partir da lavanderia tinha-se acesso ao portão dos fundos da creche que servia para o recebimento de merenda e descarga do lixo.

Com relação às informações referentes às dimensões de ambas creches, não foi possível a coleta destes dados com exatidão, pois as plantas baixas não se encontravam disponíveis e havia dúvidas sobre o seu paradeiro (estariam na SME, SMAS ou na SMO (Secretaria Municipal de Obras)?).

Encontrei, em ambas as creches, o mesmo número de salas de encontro, com dimensões semelhantes, contudo outros fatores arquitetônicos, a própria concepção de aproveitamento de espaço e fatores administrativos forneceram diferenças entre as instituições.

Espaços diferentes, rotinas com características próprias

Ao longo da pesquisa, coletaram-se informações que favoreceram a compreensão da rotina de funcionamento das creches. Ao compreender esta rotina torna-se mais fácil perceber a interferência que o aspecto arquitetônico e equipamentos podem exercer neste contexto, imprimindo usos diferenciados a cada um, segundo a proposta de cada instituição. Este argumento encontra respaldo na fala de Warschauer (1993):

“Rotina de trabalho significa organização, sistematização e disciplina. É através da rotina que o tempo e o espaço se estruturam para a criança (a hora da Roda, a hora do lanche, a arrumação das mesas e dos materiais etc.). A rotina orienta a criança a se organizar dentro de um espaço e tempo determinados”.

As informações coletadas foram pouco a pouco ajudando a formular algumas questões que orientavam sobre que espaços eram estes.

Qual seu nível de uniformidade? Como estes espaços se entrelaçam com legislação e práticas pedagógicas? Como interferem na interação entre os usuários? Que discursos transpareciam destes espaços? Como estão concebidos de maneira geral, os espaços para a educação infantil? Como os usuários percebem e se apropriam destes espaços? Como o espaço pode interferir na rotina? Arquitetura e ergonomia podem otimizar esta relação?

Exemplifico a seguir estas questões com alguns pontos observados.

A apropriação dos espaços confere a cada unidade características únicas no que se refere à rotina de cada uma.

Na recepção das crianças, por exemplo, as diferenças eram evidentes. Na **creche 1**, as crianças, com exceção das turmas de berçário, eram recebidas à porta da creche pelas educadoras e conduzidas às salas. Na **creche 2**, as crianças de todos os grupamentos eram conduzidas às salas pelas mães, oportunizando o diálogo constante entre a creche e a família.

A rotina de utilização dos solários apresentava diferenças alimentadas por fatores relacionados à distribuição arquitetônica. Na **creche 1**, às **9** horas, as crianças iam ao solário. Este se localizava no pavimento superior da creche, favorecendo o uso deste espaço pelas crianças do berçário. As crianças das EI 40 e 41 também utilizavam o solário e para tanto aprendiam a subir as escadas da creche do no corrimão. Nesta creche as turmas de faixa etária mais alta, EI 30 e 31, não utilizavam o solário e o motivo relacionava-se ao horário de atendimento:

“O solário atende de 9 às 11 horas, compreendendo uma hora de uso para as turmas de berçário e uma hora para as turmas de educação infantil. Assim, de 9 às 10 horas serve as crianças dos berçários I e II e de 10 as 11 as turmas de educação infantil 40 e 41. Como o horário de almoço começa às 11 horas e o solário deve ser utilizado pela manhã, infelizmente as turmas 30 e 31 não podem utilizar”, disse a diretora.

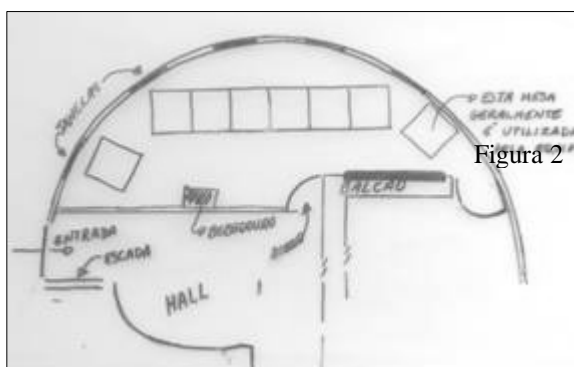
Na **creche 2**, todas as turmas tinham assegurado um espaço de solário, pois este fora dividido por paredes em três partes, uma para a um grupo etário. Estas partes possuíam canteiros, que podiam ser utilizados para cultivar hortaliças ou jardim, em atividades realizadas com as crianças, como informou uma das educadoras, e, cada sala tinha acesso próprio ao solário. Não foi especificado o horário de utilização.

Igualmente a rotina para utilização dos refeitórios revelou interferências relacionadas ao aspecto arquitetônico.

Na **creche 1**, foi possível observar o confronto entre arquitetura e mobiliário. De um lado, o aspecto arquitetônico que com sua forma baseada em seção circular aproveitava o espaço do terreno, localizado na curva inclinada que dava acesso ao morro e do outro, o mobiliário adquirido pela SME para equipar creches e escolas de sua administração. (Figuras 1 e 2)



Figura 1



De início, a arrumação estava organizada da seguinte maneira: mesas com quatro cadeiras dispostas uma a uma. Visando melhor aproveitamento do espaço chegaram à organização espacial que pode ser observada na foto. A reorganização buscava entre outras coisas, adequar o espaço físico do refeitório às necessidades de atendimento. Alguns fatores integrantes da lista de motivos apontados pela equipe para a mudança na disposição do mobiliário no refeitório foram:

- movimentação da equipe no atendimento às crianças- com as crianças distribuídas nas cadeiras em torno das mesas, não sobrava espaço para a movimentação da equipe no atendimento às mesmas;

- design interior específico X mobiliário padronizado;
- necessidade de atender a um quantitativo cada vez maior de crianças – a demanda crescente por vagas.

A disposição posterior facilitava o deslocamento das educadoras, levando as refeições até as crianças, assim como favorecia a movimentação de acesso ao bebedouro localizado no interior do refeitório.

O refeitório da **creche 2** localizava-se num espaço com planta de desenho retangular, bem amplo, que no período de pesquisa encontrava-se equipado com 16 mesas de 4 lugares cada, possibilitando o encontro de turmas de diferentes idades ao mesmo tempo para as refeições, assim como festividades e reuniões para responsáveis, já que a creche não possuía auditório ou sala de reunião.

Sinais de que um planejamento arquitetônico adequado pode contribuir para melhorar a execução das atividades diárias de uma creche, favorecendo também a integração entre crianças de diversos grupamentos, transpareceram da observação comparativa entre os refeitórios das **creches 1 e 2**.

As dimensões do refeitório da **creche 2**, aliadas ao mobiliário em quantidade suficiente para atender a até 64 crianças por vez, favorecia o encontro de crianças de grupos diferentes. Ressalto que o serviço simultâneo a duas turmas ocorria sem estrangulamento espacial.

A relação espacial fazia com que o tempo de estadia das crianças no refeitório para cada refeição fosse ampliado ou diminuído de acordo com a capacidade de lotação de cada um. **Creche 1**: 15 a 20 minutos X **Creche 2**: 30 minutos aproximadamente.

A análise dos dados levantados no campo da pesquisa

Refletir sobre o tipo de trabalho realizado por uma determinada creche envolve pesquisá-la não só do ponto de vista do projeto arquitetônico, mas também material e pedagogicamente, o que, aliado ao contexto histórico-político-social em que se insere cada caso, dá-nos um diferencial a ser estudado.

Estes dados apareceram ao longo da pesquisa e agora aqui apresentados sob forma de recorte trazendo o enfoque de análise do espaço-ambiente das creches sob o ponto de vista das relações entre arquitetura, design, ergonomia e antropometria,

pretendendo situar a possível contribuição destas relações no planejamento dos ambientes destinados à educação infantil.

Primeiramente, situo o leitor em relação ao significado dos termos ergonomia e antropometria.

Conceitua-se Ergonomia como tecnologia projetual das comunicações entre homens e máquinas, trabalho e ambiente (Moraes & Mont'Alvão, 2003), enquanto Antropometria é o processo ou técnica de mensuração do corpo humano ou de suas várias partes. Ambas servem de apoio aos estudos para projetos em arquitetura e design.

Assim, nesta pesquisa foram observadas características ergonômicas e antropométricas relacionadas ao uso de mobiliário e equipamentos encontrados nas creches, objetivando analisar a adequação destes a adultos e crianças, em consonância com os pressupostos para a educação infantil.

“... o espaço em que se vive, ou o espaço que a memória preserva, funde em si tanto o calor do ambiente e a cor das paredes quanto à alegria e a segurança que nele se sente. O espaço material é, pois, um pano de fundo, a moldura, sobre o qual as sensações se revelam e produzem marcas profundas que permanecem, mesmo quando as pessoas deixam de ser crianças. É através dessa qualificação que o espaço físico adquire nova condição: a de ambiente.”Mayumi Lima (1989)

Confrontando os dados recolhidos na pesquisa, uma primeira análise leva a seguinte afirmação: o planejamento das construções tomou como base os terrenos existentes, o que imprimiu em cada edificação características únicas em si.

Segundo o arquiteto Paulo Afonso Rheingantz, os edifícios têm que ter correspondência com os valores dos grupos sociais que os usam, por isso os projetos devem ser submetidos à avaliação da comunidade. Engenheiros e arquitetos devem ter conhecimento das atividades e processos da escola.

Ocorre, porém, que os afetos que o espaço possa despertar não são levados em consideração na hora da elaboração dos projetos, trabalhando-se com critérios de manutenção e durabilidade dos materiais, e não com as pessoas. Contudo o espaço físico não pode resumir-se à escolha de materiais e em sua metragem.

Em Faria (1997), encontramos sinais de preocupação com os afetos causados aos usuários destes espaços em consonância com a proposta pedagógica para a educação infantil: *“Uma pedagogia da educação infantil que garanta o direito à infância e conseqüentemente o direito a melhores condições de vida para todas as crianças deve*

necessariamente partir da nossa diversidade cultural e, portanto, a organização do espaço deve ser versátil e flexível”.

Tal afirmação alinha-se à opinião de Rheingantz (2003), que defende que o foco da educação é a criança, a qual é o principal usuário da escola e sua opinião deve ser considerada nos estudos para a construção dos edifícios: *“Quando os usuários vêm suas necessidades incorporadas ao projeto, passam a ter uma relação completamente diferente com a escola... Se as pessoas opinam, participam, dizem do que gostam, a escola fica mais prazerosa”.*

Foi assim que, buscando alinhar a arquitetura dos espaços aos pressupostos para a educação infantil na construção da proposta de trabalho de cada creche, cada equipe elaborava alternativas em busca de soluções para a ambientação destes espaços, dentro do contexto vivenciado por elas. Utilizaram para tanto recursos materiais: mobiliário, brinquedos e demais equipamentos recebidos pelas unidades, os quais articulados aos espaços imprimiram as características encontradas durante a pesquisa, as quais trouxeram à luz algumas questões:

- Em ambas as creches, o mobiliário das salas de encontro (mesas, cadeiras, estantes, etc), fora recebido como doação de algumas unidades escolares da rede municipal, nem sempre estando adequado à finalidade do espaço, o que caracterizava a falta de um projeto de interiores para estes ambientes;
- a superlotação de mesas e cadeiras em algumas salas deixava pouco espaço para a movimentação das crianças; ao que se aliava, a ausência de zonas circunscritas nestes espaços, interferindo com o processo de desenvolvimento da autonomia;
- transparecia a escassez, e em alguns casos, a ausência de brinquedos, livros infantis e recursos de mídia;
- não havia nas salas, mobiliário adequado ergonômica e antropometricamente as recriadoras;
- em relação à existência de mobiliário auxiliar (estantes), quando havia não atendia, adequadamente, as necessidades de uso pela infância;
- a distribuição espacial de equipamentos auxiliares (murais, calendários, recursos de mídias, etc) não seguia, em sua maioria, pressupostos ergonômicos para a clientela;
- aspectos relacionados ao estudo de cores para os ambientes;

- a comparação dos espaços de recreação e salas de encontro com banheiros e cozinhas, revelou que estes dois últimos receberam um cuidado maior na elaboração projetual das creches, remetendo a questões assistencialistas, em detrimento da educação global;
- a percepção de interferências externas ao ambiente da creche sentidas como positivas e negativas, de acordo com a situação geográfica de cada unidade.

O excesso de mesas e cadeiras em algumas das salas, deixando pouco espaço para a movimentação, carregava em si uma concepção de controle, refletida na fala de Horn (2004):

“A dificuldade de alguns educadores em trabalhar “com corpos que se movimentam” é muitas vezes evidente. Por muito tempo, se afirmou a estratégia de se controlar o pensamento das crianças por meio de controle dos movimentos.”

“... percebo que sempre existe um “lugar nobre” destinado a mesas e cadeiras,..., o que legitima o fato de estar sentado, estar desenhando, pintando, recortando; cada criança com seu lápis, com suas tintas, com sua tesoura. Em geral, essa é a organização do espaço de uma sala de aula quadrada ou retangular, onde as mesas ocupam o lugar central e, encostados nas paredes, os livros (quando existem), a prateleira de jogos, os brinquedos da “casinha”, o local para pendurar trabalhos e mochilas.”

Ainda referindo-se ao fato de colocar crianças por horas em salas sem outros arranjos espaciais que favoreçam atividades criativas, fala-nos Moreira (1984), citando Oliveira (1980):

“Haverá maneira melhor de aprender a submissão? Isso penetra nos músculos, sentidos, tripas, nervos e neurônios... Trata-se de uma verdadeira lição de totalitarismo. A posição sentada é reconhecidamente nefasta para a postura e para a circulação, e, no entanto eis o nosso homem ocidental com problemas de coluna, as veias esclerosadas, os pulmões retraídos, hemorróidas e nádegas achatadas... Faz séculos que vemos as crianças arrastando os pés embaixo das carteiras, entortando o corpo e pulando como rãs quando a sineta bate (sem falar nos 20% de escoliose). Esse tipo de manifestação é atribuído à turbulência infantil: nunca à imobilidade insuportável imposta às crianças – a culpa é sempre da própria vítima. Não, não é um acaso. É um plano. Um plano desconhecido para os que cumprem. Trata-se de domar. Domesticar fisicamente esta máquina fantástica de desejos e prazeres que é a criança”.

Em contrapartida, na luta por uma educação infantil de qualidade, alguns espaços já apontavam para mudanças no sentido de atender aos pressupostos para a educação infantil apresentados nos RCNEI e nos Subsídios para Credenciamento. Através da fala das educadoras responsáveis pelas transformações destes espaços,

reafirmava-se a necessidade de discutir, planejar os espaços no sentido de que o ambiente seja também um facilitador para que possam emergir as diferentes dimensões e competências humanas na educação infantil.

No texto de Moreira (1984) sobre o espaço do desenho enquanto livre expressão dos desejos infantis, encontro à fala sobre a necessidade de pensar a distribuição do espaço nas salas de encontro dos anos iniciais, de forma a estimular o aprendizado global:

“Pois nos primeiros anos escolares, me parece que a sala de aula deveria estar equipada, para conter as diversas possibilidades de experimentação com materiais os mais variados, uma vez que, nesta fase, o aprendizado se faz de forma global”.

A valorização da produção da criança por meio da exposição em painéis ou murais deveria prever a interação dos autores com a mesma e com a de outras crianças, estando, portanto dispostos nas salas em altura compatível.

Mas...“Criança enxerga com os dedos!” Enxerga sim. Seu universo de descobertas é também tátil. Tocar sua obra e a de outrem auxilia o processo. Causa estesia³. O educador não deve apoiar-se nesta constatação e por medo de que “estraguem”, deixar de expor as produções feitas pela criança e para a criança em altura sujeita à interferência desta, como percebido nas entrevistas.

Falando em altura, a falta de um projeto de interiores nos espaços das creches gerou outros equívocos como, por exemplo, questões que aliavam dimensões dos espaços e campo visual infantil.

Em relação ao posicionamento dos aparelhos de televisão para utilização, **na creche 2**, foi observado que o imprevisto foi acertado, pois o mesmo localizava-se em altura e distância favoráveis a visibilidade (Fig. 3). O mesmo não ocorria na **creche 1** (Fig. 4), onde o aparelho encontrava-se suspenso em uma grade junto ao teto da sala multidisciplinar, o que, aliado ao tamanho da sala, tornava ergonomicamente desfavorável o ato de assistir à TV, por implicar postura insalubre para as crianças.

³ Capacidade de perceber sensações, sensibilidade.



Figura 3



Figura 4

Outro aspecto da pesquisa que revelou a ausência de estudos de ergonomia está relacionado às salas de encontro enquanto posto de trabalho das recreadoras. Foi constatado que não havia mobiliário para as recreadoras. A existência dos mesmos possibilitaria as recreadoras realizarem suas tarefas de planejamento e relatórios, sem prejuízos à saúde postural, o que ocorria por terem que fazê-las em mobiliário inadequado a seu percentil.

Equipamentos auxiliares do trabalho em sala, encontrados com medidas fora da escala infantil também ajudaram a revelar marcas do assistencialismo, onde o pensar pedagógico não recebia a mesma atenção do assistencial. As pias encontradas nas salas da creche 2, destinadas à higiene após trabalhos com tinta, encontram-se em escala adulta, dificultando o uso pelos menores. O que chama atenção é que estas ficam próximas às entradas dos banheiros, e que dentro dos banheiros os demais equipamentos encontram-se em escala pertinente à infância. O primeiro pensamento é o da cisão entre higiene e educação, e revela ausência de cuidado na escolha dos equipamentos para as salas de encontro.

Lembrando Boff (1999):

“O cuidado imprimiu sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o cuidado o humano se faria inumano”.

Daí concluo que o cuidado com cada parte do espaço destinado à educação infantil é importante ao desenvolvimento do processo como um todo. O cuidado com formas, tamanhos, cores, e finalidades, ao que acrescento a fala de Mayumi Lima (1989):

“Para crianças pequenas em fase de pré-alfabetização e alfabetização, o espaço poderia se caracterizar pela multiplicidade de ambientes, pelos desníveis dos pisos, pela

variedade dos pés-direitos, da luz, das cores e pela possibilidade de usar painéis e panos, fugindo sempre que possível das salas cartesianas. Pisos e paredes seriam, ao mesmo tempo, elementos concretos de arquitetura e construção, de ensino e de brinquedo”.

“Um grande espaço, com vários ambientes menores no seu interior, possibilita reencontrar os espaços da socialização da criança em diferentes situações e agrupamentos, dinamizar as atividades, despertar sempre novos interesses”.

“Os objetos seriam tratados entre o mistério que a proximidade e a escala permitem desvendar e a clareza da comunicação que chama, convida e se abre para a curiosidade”.

As cores pela ausência se fizeram notar. A cor está presente em nosso mundo. Está a nossa volta, está em nós. São percebidas pelo humano, causam sensações, atravessam nossa linguagem. Perceber os estímulos causados pelas cores ao ser humano leva-nos a várias concepções de seu uso na elaboração da estética dos ambientes, dentre eles, os destinados à educação infantil. Na pesquisa, a presença monocromática na maioria dos ambientes revelava a necessidade de estudos neste aspecto.

Além da cor, outros atributos interferiam nestes espaços: os fatores externos. O primeiro deles, considerado negativo, era expresso pela interferência acústica da comunidade no solário da **creche 1**. O segundo, considerado positivo, pela possibilidade de as crianças estarem utilizando a quadra comunitária como mais um espaço para recreação.

Finalizando, a pesquisa revelou como o diálogo existente entre as dimensões do espaço físico e as condições ergonômicas e antropométricas dos mobiliários e demais equipamentos encontrados nas creches interferem no processo da construção de conhecimento em educação infantil, perpassando a rotina diária das creches e pré-escolas, permeadas por características oriundas da luta contra a herança histórica assistencialista, da qual, através de estudos que favoreçam características educacionais, tentamos desvincular-nos. Contudo, o momento atual lança pistas de que talvez o ideal seja realmente aliar os dois campos em favorecimento da construção de conhecimentos de forma global.

A ciência e o coração, ou a construção dos espaços da educação infantil baseada na intuição

Já nos dizia Boff (1999) que o cuidado é o que nos diferencia dos outros seres que habitam a Terra. Dou-lhe razão, pois, o ser humano não só se torna humano pelo cuidado como também pela necessidade de cuidado e através dele é capaz de especializar-se na burla das adversidades.

Ao pesquisar o cotidiano de algumas creches municipais do Rio de Janeiro deparei-me com cenários que a um primeiro olhar pareceriam inapropriados ao atendimento infantil. Contudo foi buscando compreender tais universos, únicos em si próprios e ao mesmo tempo parte integrante de um universo maior, que pude lançar um novo olhar sobre a importância do cuidado.

Nestes ambientes, espaços físicos nos quais em muitos casos faltam ingredientes materiais para o desenvolvimento do trabalho, podemos vê-los sendo substituídos por frutos da dedicação e criatividade dos profissionais que atuam nestes cenários. O sucesso de algumas destas experiências está num ingrediente fundamental: o cuidado cotidiano.

É no cotidiano, nestes cenários, que se desenrolam as pesquisas mútuas, que se estabelecem às relações de troca. Estas relações despertam afetos e, ao atentar a quais afetos surgem nestes cenários, pode-se estimular construções diversas.

É neste processo cotidiano de construção que a burla da realidade favorece o sonho. O sonho com mobiliário ideal que não chega estimula a criatividade em busca de adequações possíveis. Assim, vemos caixotes de madeira, que anteriormente acondicionavam frutas para a merenda, transformados em cestas para brinquedos, bancos ou estantes para compor cantinhos variados. Ou ainda outros materiais como garrafas plásticas (PET) ou caixas tetra-pack, que, recicladas, se convertem em potes, panelinhas, paredes, etc. É a apropriação de matérias com um novo sentido estético.

Faz-se necessário dizer que não há uma receita pré-estabelecida, é a soma dos fatores que se apresentam que nos trazem resultados, algumas vezes louváveis e em outras não.

Nestas fábricas de sonhos e de realidade em que se transformam os cenários da educação infantil, encontramos a coragem dos profissionais da educação pública que, frente aos desafios, continuam dia após dia buscando soluções que favoreçam o trabalho junto às crianças.

De onde vem esta coragem? Vem do outro, ou melhor dizendo dos vários outros. Vem da troca, da convivência diária com as crianças e com esta a percepção das

transformações. Mais uma vez cito Boff (1999) ao dizer que o amor, retro-alimentado, fortalece e é fortalecido.

Mas nem só de amor se vive. Não quero aqui tirar a responsabilidade que compete às diversas esferas do poder público no que toca ao planejamento dos espaços e montagem das unidades destinadas à educação infantil, assim como a manutenção e adequação das já existentes.

Pretendo, no entanto, provocar a reflexão de que, ao ouvir os profissionais da educação infantil, em suas diversas realidades, e pesquisar o aspecto arquitetônico das instalações destinadas à educação infantil, poderíamos buscar uma forma mais eficaz de atender às necessidades materiais relacionadas ao mobiliário e objetos afins em prol da melhoria na qualidade do atendimento a nossas crianças, uma vez que o espaço e a apropriação que se faz do mesmo são fatores que interferem qualitativamente no processo de construção de conhecimentos.

Os conjuntos arquitetônicos projetados para atender as creches transparecem a preocupação com o cuidar. Evidenciado no aspecto relacionado à higiene e alimentação. Banheiros e cozinhas receberam um grau de atenção em sua montagem maior que as salas de encontro e espaços relacionados à recreação.

Não podem faltar panelas, bancadas que facilitem o serviço das cozinheiras, nem banheiras e cadeiras de alimentação, pois são itens importantes. Contudo, qual a preocupação com os espaços do brincar, do criar, da construção de conhecimentos?

Como andam os investimentos para favorecer a implantação de ambientes que atendam a estes pontos? Será que as salas de encontro necessitam apenas de boa vontade e improvisado ou equipamentos devidamente estudados e adequados às crianças ajudariam a melhorar a qualitativamente o processo de construção de conhecimentos em nossas creches e pré-escolas?

Procurei neste trabalho, levantar algumas pistas e apontar alguns caminhos possíveis.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34,2002.

BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CAMPOS DE CARVALHO, M.I., RUBIANO, M.R.B. Rede social de crianças pequenas em creche: análise por proximidade física e atividade compartilhada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: UNB, v.12, n. 2, p.129 -136, 1996.

EMERY, O. e RHEINGANTZ, P.A. Saber ouvir a arquitetura (o ouvido do arquiteto). In: III Encontro Nacional e I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, 1995, Porto Alegre. **Anais publicados**: Porto Alegre: ANTAC, 1995, pp 737-741.

FARIA, A.L.G. O espaço físico nas instituições de educação infantil. In: III Seminário do projeto “Estabelecimento de critérios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil”, 1997, Brasília.

HORN, M.G.S. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, Mayumi W. S. A cidade e a criança. SP, Nobel, 1989.

MORAES, Anamaria de e MONT’ALVÃO, Cláudia. Ergonomia: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro: iUsEr, 2003.

MOREIRA, A. A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOVIMENTO nacional para salvar o ensino infantil. **Agência Carta Maior**, São Paulo, 20 ago. 2004. Disponível em:
<http://agenciartamajor.uol.com.br/agencia.asp?id=221&cd_editora=012&coluna=reportagens>

OLIVEIRA, Z. M. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

WARSCHAUER, C. A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.